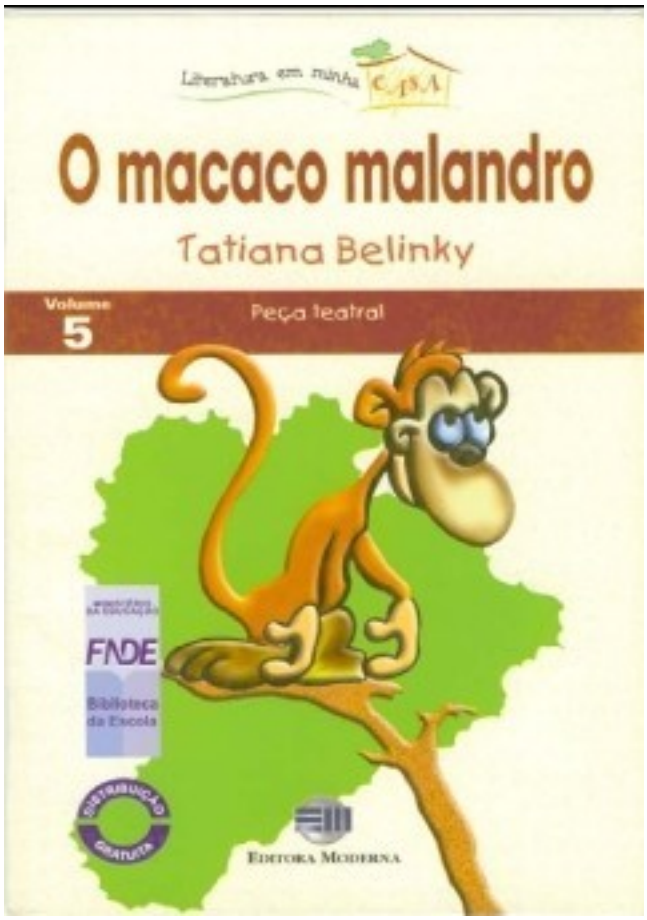

O Macaco Malandro

Peça teatral

Tatiana Belinky

O macaco malandro

Quando completei quatro aninhos, fiz o meu primeiro papel teatral num espetáculo infantil, no qual eu fazia o papel de uma... Mosca! Com asinhas, antenas e tudo, eu me arrastava pelo chão, cantando uma musiquinha que dizia "zumzum, eu estou andando pelo teto, e vou para o cantinho, visitar o meu velho amigo besouro". E acreditem, eu "sentia" que estava mesmo andando pelo teto!

Pois é. Fazer teatro é uma delícia. Aliás, qualquer criança sabe disso, quando brinca, por exemplo, de médico e doente, mocinho e bandido, papai e mamãe, e tantos outros "faz-de-conta"... Isso não deixa de ser "fazer teatro"

E assistir uma peça de teatro, uma boa história bem representada, alegre ou triste, cantada, dançada (ou não), é outra delícia. E faz bem para a imaginação, para o vocabulário, para as emoções — para tudo.

Até lida, uma boa peça de teatro é divertida — aliás, ler é sempre ótimo, seja peça de teatro, ou conto, poesia...

Quem sabe vocês vão querer representar esta peça do Macaco malandro!

Tatiana

Tatiana Belinky

Pequena nota biográfica

Nascida em São Petersburgo, Rússia, em 1919, Tatiana Belinky veio para o Brasil aos 10 anos de idade, com sua família.

Herdou dos pais o hábito da leitura e a paixão pelo teatro, pela ópera, pela música. Sua vida sempre foi cercada pela cultura. E esse contato abriu caminho para uma vida inteira voltada à melhor literatura: Tatiana é escritora, roteirista, tradutora e jornalista.

Começou a fazer teatro para crianças em 1948 — e não parou mais. Para

Tatiana, "o teatro é uma janela para o mundo. É importantíssimo como história, filosofia, poesia, política. E mexe com os sentimentos e as emoções".

Com a chegada da televisão, seu grupo teatral foi convidado a apresentar suas peças na então TV Tupi, lá permanecendo por mais de 10 anos com quatro espetáculos de teleteatro por semana, ao vivo, com textos sempre baseados em livros, promovendo intensamente a literatura e a leitura. É de sua autoria a primeira grande série adaptada para a televisão do “Sítio do Picapau Amarelo”, de Monteiro Lobato. No total foram mais de 1.500 textos apresentados pela televisão. Tudo sempre remetendo ao livro, começando e terminando na estante.

Ao longo de sua vida, Tatiana Belinky recebeu muitos prêmios de teatro, de literatura e de televisão.

Personagens:

LOBO
RAPOSA
MACACO

Cena I

(Cenário — Um campo qualquer, com uma árvore e uma pedra. O Lobo e a Raposa estão sentados, desanimados.)

RAPOSA — Estou com tanta fome, seu Lobo, que seria capaz de comer um boi inteiro, com chifre e tudo. De que serve a nossa sociedade de caçar juntos, se nenhum dos dois consegue caçar nada?

LOBO — É. Eu também estou com o estômago tão encolhido que já está virando sanfona...

RAPOSA — Então toque um pouco, para distrair a gente...

LOBO — Tocar o quê?

RAPOSA — Sanfona...

LOBO — Que sanfona?

RAPOSA — O senhor não disse que o seu estômago virou sanfona?

LOBO — Ora, dona Raposa, isso é modo de dizer...

RAPOSA — Modo de dizer... É por causa dessa sua mania de modo de dizer que nós estamos passando fome.

LOBO — Que é que a senhora quer dizer com isso?

RAPOSA — É isso mesmo. Modo de dizer... Ainda ontem o senhor disse "olha lá um gato"! Eu pulei pra pegar o gato... E o gato era uma onça! Escapei por um triz!

LOBO (esperto) — Modo de dizer, dona Raposa. Onça não é parente de gato?

RAPOSA — Hã! Se eu fosse um pouco mais nova, o senhor ia ver com quantos paus se faz uma canoa... Mas é bem-feito pra mim, pra aprender a não fazer sociedade com ninguém... Também, de hoje em diante, cada um caça por sua conta. Acabou-se a sociedade.

LOBO — Quem quis fazer sociedade foi a senhora.

RAPOSA — Claro. O senhor vivia dizendo que era um grande caçador, que sabia pular feito onça, que sabia correr feito coelho, que sabia trepar em árvore feito gato, que sabia isso, sabia aquilo, sabia tudo...

LOBO — Só não sabia ser esperto como a senhora. E a senhora dona Raposa como já estava ficando velha para caçar, resolveu tirar vantagem à minha custa. Foi por isso que a senhora propôs caçarmos em sociedade. A senhora dona Raposa era tão esperta...

RAPOSA — Pois é... Era tão esperta e me deixei engabelar por um Lobo qualquer. Mas agora acabou-se a sociedade. O senhor caça lá pro seu lado, que eu caço pro meu. Cada um por sua conta.

LOBO — Está bem, está bem. (uivo) Ai, que fome...

RAPOSA — Eu agora seria capaz de comer até um ratinho...

LOBO — Ratinho? Eu seria até capaz de comer grama.

RAPOSA — Que idéia! Onde é que se viu Lobo comer grama? Que horror? Ainda se fosse queijo...

LOBO — Queijo? Grrr! Que nojo!

RAPOSA — Não sei por quê. Acho que comer grama é muito pior. Uma vez, quando eu era ainda jovem, um corvo muito amável me ofereceu um pedaço de queijo, e olhe que estava muito bom!

LOBO — Pois eu não comeria queijo nem que estivesse uma semana inteira sem comer. Imagine... Comer uma coisa escorreguenta e branquela, feita com leite de vaca. Grrr! Que nojo!

RAPOSA — Ora, seu Lobo, deixe de enjoamento! O senhor já não comeu carne de vaca? Quem come vaca, bebe leite. Quem bebe leite, come queijo.

LOBO — Desse jeito, quem come carne de vaca também tem de comer sola de sapato, porque sola de sapato é feita com couro de vaca... Pois eu não como queijo nem que me paguem!

RAPOSA — Já sei. O seu Lobo prefere comer grama... Grama que as vacas pastaram...

LOBO — Mas grama não é fedida, e queijo é!

RAPOSA — Ora essa, e a grama onde as vacas pastaram não fica fedida?

LOBO (levanta) — E quem lhe disse que eu vou deixar as vacas pastarem em cima da grama que eu vou comer?

RAPOSA — Claro que não, porque se as vacas aparecerem em cima da sua grama, enquanto o senhor come a grama eu vou é comer as vacas!

LOBO — As vacas que aparecerem em cima da minha grama quem come sou eu!

RAPOSA — Não é porque a grama é sua que tudo que estiver em cima da grama tem que ser seu também. Além disso, se o senhor não come queijo de vaca, também não deve comer a vaca que fez o queijo.

LOBO — Quem é que lhe disse que vaca é feita de queijo?

RAPOSA — Eu não disse que vaca é feita de queijo. Eu disse que é o queijo que faz a vaca... Quero dizer, é a vaca que faz o queijo... Grrr! O queijo é que é...

LOBO — Faça o favor de não fazer pouco das minhas vacas, dona Raposa, senão eu... Eu... (Os dois se engalfinham.)

RAPOSA — Espere, seu Lobo...

LOBO — A senhora fique sabendo que eu não admito...

RAPOSA — Espere, seu Lobo... Calma... O senhor já reparou que nós

estamos brigando por causa de uma coisa que não existe? Nós não temos nem vacas, nem grama... Nem queijo...

LOBO — É mesmo... Que bobagem. (Senta, e a Raposa também.)

RAPOSA — Isso é por causa da fome... Não vamos discutir nunca mais!

LOBO — É... É por causa da fome... Não vamos discutir nunca mais!

RAPOSA — A gente às vezes discute por causa de uma bobagem, e depois ninguém sabe mais quem é que tem razão...

LOBO — É isso mesmo, dona Raposa.

RAPOSA — Seu Lobo, tenho uma idéia. Vamos combinar uma coisa. Na próxima vez em que tivermos um mal-entendido, em vez de discutir feito tolos, vamos procurar um juiz.

LOBO — Boa idéia! Na próxima vez em que tivermos um mal-entendido, em vez de discutir feito tolos, vamos procurar um juiz. (Apóia a mão no queixo, pára e começa a cheirar.) Por falar em queijo...

RAPOSA — O que foi?

LOBO — Por falar em queijo, (levanta) dona Raposa...

RAPOSA — Mas o que é que tem que ver o queijo com o que nós estávamos falando agora?

LOBO — Queijo, dona Raposa...

RAPOSA — Que queijo, seu Lobo?

LOBO — A senhora não está sentindo?

RAPOSA — Não... Não estou sentindo nada...

LOBO — Queijo... Tem queijo por aqui, em algum lugar...

RAPOSA — Não diga... (Os dois farejam. Dão uma voltinha, cheiram perto do chão em torno de árvore, e esbarram com os narizes um no outro. Recomeçam a cheirar.) É mesmo, seu Lobo... Estou sentindo também... É queijo, e do bom... E não está muito longe, não... Ali!!! (Dá um pulo e pega o queijo.) Achei! Hum... Que delícia...

LOBO — Deixe ver... (Agarra o queijo.) Hum... Que delícia...

RAPOSA — O meu queijo!

LOBO — Seu queijo? Seu por quê?

RAPOSA — Meu sim!

LOBO — Seu, uma ova!

RAPOSA — Meu, sim senhor!

LOBO — E por que há de ser seu?

RAPOSA — Porque eu peguei primeiro!

LOBO — Mas quem cheirou primeiro fui eu!

RAPOSA — E quem viu primeiro fui eu!

LOBO — Isso não quer dizer nada. O que interessa é quem cheirou primeiro. Quem cheirou primeiro fui eu. Logo o queijo é meu. Passe pra cá o meu queijo!

RAPOSA — Seu coisa nenhuma, é meu, e muito meu! O senhor não disse que não comia queijo, que queijo era uma coisa fedida, que queijo era um nojo?

LOBO — Mas aquilo era um modo de dizer...

RAPOSA — Outra vez! "Modo de dizer" não gruda mais!

LOBO — Mas era modo de dizer. Aquilo que eu falei não era desse queijo aqui, era de outro queijo.

RAPOSA — Pois esse queijo também é feito de vaca, como aquele outro queijo de que o senhor estava falando.

LOBO — Mesmo que fosse! A senhora não disse que quem come vaca pode beber leite, quem bebe leite pode comer queijo? Pois eu como vaca, e vou comer esse queijo também. Passe pra cá o meu queijo!

RAPOSA — É mais fácil o senhor comer a sola do meu sapato, que é feita de couro de vaca, do que comer o meu queijo! (Os dois atracam-se com grande algazarra. A Raposa não larga o queijo.)

LOBO — Espere. Espere, dona Raposa...

RAPOSA — Espera coisa nenhuma.

LOBO — Calma, dona Raposa... A senhora já esqueceu da idéia de que a senhora teve agorinha há pouco?

RAPOSA — Que idéia?

LOBO — Aquela idéia de procurar um juiz.

RAPOSA — Juiz pra quê?

LOBO — Para resolver quem é que tem razão.

RAPOSA — Mas quem tem razão sou eu!

LOBO — Bem, dona Raposa, a senhora disse assim: "Na próxima vez que

tivermos um mal-entendido, em vez de discutir feito tolos, vamos procurar um juiz"...

RAPOSA — Ahn...

LOBO — Então. A senhora diz que o queijo é seu, porque a senhora pegou primeiro. Eu digo que é meu, porque eu cheirei primeiro. Acho que só um juiz pode resolver.

RAPOSA — Está bem. Mas quem é que vai ser o juiz?

LOBO — O único juiz que eu conheço é o Macaco. Ele diz a todo mundo que é juiz.

RAPOSA — O Macaco é muito esperto.

LOBO — A senhora também não é?

RAPOSA — O Macaco é mais esperto do que eu.

LOBO — Por isso mesmo é que ele diz que é juiz...

RAPOSA — Está bem. Vamos consultar o Macaco. Mas quem leva o queijo sou eu.

LOBO — Pode levar, dona Raposa. Mas não pense que a senhora vai comer o queijo pelo caminho. Eu vou ficar de olho. Vamos. (Os dois saem.)

CENA II

(Cenário — A casa do Macaco, que está andando de um lado para outro, se coçando, e pulando.) (A entrada é sem porta.)

MACACO — Será que ninguém mais tem causas para eu julgar? Há três dias que não me aparece nenhum cliente. É o diabo. Sem clientes, eu vou acabar morrendo de fome... Oh! Será que apareceu outro juiz? Não, não é possível. O único juiz sempre fui eu e sempre serei eu... Pois não sou eu o mais inteligente de todos os bichos? (Coça-se.) Hum... Parece que vem vindo alguém. Quem será? Ora viva, a dona Raposa e o senhor Lobo! (Cantarola e esfrega as mãos.) Com certeza tiveram algum mal-entendido e vêm aqui para eu julgar. Qual será a comida que eles trazem? (Cheira.) Queijo! Queijinho de Minas! Queijinho branquinho!!! (Lambe os beiços.)

Queijinho de Minas! (Cantarola.) E eu gosto tanto de queijo! Aí vêm eles! (Corre a sentar numa cadeira. Trepa num banco e finge ler um grande livro, óculos. Sempre se coçando e fazendo visagens. Entram a Raposa e o Lobo.)

LOBO — Com licença, seu juiz? (Macaco olha por cima dos óculos.)

RAPOSA — Com licença, seu juiz?

MACACO — Quem é? Ah... Dona Raposa e seu Lobo. Façam o favor de entrar... Eu não tenho mais cadeiras para oferecer... Mas... (Fareja.) Parece que a senhora dona Raposa está trazendo aí um queijinho... (Raposa esconde o queijo.)

LOBO — Pois é, seu juiz. Nós queremos que o senhor julgue uma pendência que nós temos por causa desse queijo. (Vai pegar o queijo, a Raposa recusa.) Nós temos que apresentar o queijo ao senhor juiz, dona Raposa. Não é mesmo?

MACACO — Claro. Eu preciso examinar o objeto de litígio.

LOBO — Não é de litígio, não, senhor juiz. É de leite de vaca mesmo... Deixa ver, dona Raposa.

RAPOSA — Eu dou, mas só ao senhor juiz. (Entrega o queijo ao Macaco.)

MACACO — Hum... Que perfume delicioso...

LOBO — Não é mesmo, seu juiz? Pois acontece que eu fui o primeiro a cheirar esse queijo... e a Raposa acha que o queijo é dela.

RAPOSA — Quem pegou o queijo primeiro fui eu.

LOBO — Mas acontece que eu cheirei primeiro. O senhor juiz não acha que quem cheira primeiro é que é o dono da coisa cheirada? Antes de cheirar, não existe coisa nenhuma. O que existe é a coisa cheirada.

RAPOSA — Pois eu acho que o que existe é coisa achada. E coisa achada é sempre de quem pega primeiro. Eu vi primeiro, e eu peguei primeiro, logo o queijo é meu. Além disso, senhor juiz, o seu Lobo tinha dito que queijo era uma coisa nojenta e fedida, e que ele preferia mil vezes comer grama a comer queijo.

MACACO — Fedido? Nojento? Mas que idéia, seu Lobo! Chamar de fedida uma coisa tão perfumada como um queijo? E logo um queijinho de Minas! Ora essa, seu Lobo...

LOBO — O senhor tem toda razão, senhor juiz. Eu não estava me referindo a este queijo. Era só modo de dizer. Eu...

MACACO — Bem, vamos logo ao queijo. Quero dizer... Vamos logo ao caso

jurídico. Estamos diante de um problema de coisa cheirada e coisa achada. Coisa achada não pode ser achada antes de ser coisa cheirada, e coisa cheirada não adianta nada ser coisa cheirada se não for achada. O seu Lobo é o cheirador e a dona Raposa é a achadora. A solução é uma só. Não adiantava nada o seu Lobo cheirar se a dona Raposa não fosse achar, e a dona Raposa só podia achar depois do seu Lobo cheirar. Logo...

RAPOSA — Logo...

MACACO (pensativo) — Logo... (à parte) Como é que eu posso fazer para enganar esses dois tolos? Ah! Já sei! (para os dois) O queijo pertence aos dois.

RAPOSA — Como assim?

LOBO — Como é que o queijo pode ser dos dois?

MACACO — Dividindo ao meio!

RAPOSA e LOBO — É mesmo! É tão fácil!

MACACO — Mas terá que ser dividido exatamente ao meio.

RAPOSA — Sim, é claro.

MACACO — Rigorosamente ao meio.

LOBO — Sem dúvida. Rigorosamente ao meio.

MACACO — Bem pesadinho na balança — nem um grama a mais, nem um grama a menos.

RAPOSA — Isso mesmo.

MACACO (Esfregando as mãos.) — Muito bem. Então vamos dividir o queijo em duas metades iguaizinhas. (Pega a balança e põe em cima da mesa — sempre segurando o queijo e cantarolando.) Iguaizinhas. Duas metades iguaizinhas... Iguaizinhas... lalaralalá... laralalalá. Muito bem. Pega-se o queijinho. O rico queijinho de Minas... E divide-se em duas metades... Iguaizinhas... (Corta o queijo com as mãos.) Assim. E põe-se na balança... Uhmmm... Parece que não estão bem iguais.

RAPOSA — Este aqui está mais pesado.

MACACO — A senhora tem toda razão, dona Raposa. Vamos acertar já. (Esfrega as mãos.) Duas metades iguaizinhas... (Come um pedação.)

LOBO — Eh, seu Macaco!

RAPOSA — Que estória é essa?

LOBO — O senhor está comendo o pedaço que era meu!

RAPOSA — Seu por quê? Por que aquele pedaço maior havia de ser seu?

LOBO — E se não fosse meu, havia de ser seu, não é?

RAPOSA — Se podia ser seu, com muito mais razão teria que ser meu.

LOBO — Tem muita graça.

RAPOSA — Não vejo graça nenhuma.

LOBO — Pois eu vejo muita graça nessa sua cara amarrotada de raposa velha.

RAPOSA — Cara amarrotada é o seu fuço!

LOBO — Fuço amarrotado vai ficar o seu daqui a pouco.

RAPOSA — Venha, se é capaz!

(Enquanto isso, o Macaco está acabando de se deliciar com o queijo, começa a falar com a boca ainda cheia.)

MACACO — Meus amigos, estamos em um tribunal. Justiça será feita. Não se preocupem, que a “minha” justiça será feita. Duas metades iguaizinhas... (cantarolando) Bem iguaizinhas... Pegamos este pedaço que estava maior, e... Pronto. Uhm... Creio que agora é o outro pedaço que está um pouquinho mais pesado...

LOBO — É isso mesmo. Este está mais pesado.

RAPOSA — É isso mesmo. Este está mais pesado.

MACACO — Vamos acertar já, já...

RAPOSA — Um momento, seu juiz... (É tarde! O Macaco já comeu mais um naco.) Mas, seu juiz, assim o queijo está diminuindo!

MACACO (engolindo) — Dona Raposa, o importante é que os dois pedaços sejam iguaizinhos, não é? Pois então temos que conseguir dois pedaços iguaizinhos...

RAPOSA — Mas o senhor comeu o pedaço que estava sobrando!

MACACO — E daí? A senhora queria que eu o desse ao Lobo?

RAPOSA — Claro que não!

MACACO — Também o senhor Lobo não haveria de querer que eu desse à senhora dona Raposa. Não é mesmo, seu Lobo?

LOBO — É, é, é isso mesmo.

MACACO (Cantarolando baixinho, comendo ora de um, ora de outro.) — Duas metades iguaizinhas... Oh! Agora é este pedaço que ficou maior. (Continua comendo.) (A Raposa e o Lobo se entreolham e a Raposa chama o Lobo.)

RAPOSA — Psiu! Psiu! (O Lobo se aproxima.) Desse jeito ele vai acabar comendo todo o nosso queijo.

LOBO — É o que eu estou começando a perceber.

RAPOSA — Seu Lobo, acho que nós devemos fazer um acordo, e bem depressa, enquanto ainda tem queijo.

LOBO — Eu também acho.

RAPOSA — Cada um de nós fica com um pedaço qualquer. Eu não me importo de ficar com o pedaço menor.

LOBO — Nem eu! Vamos depressa! (Os dois correm para o Macaco, que continua como antes.)

RAPOSA — Senhor juiz...

MACACO (Mastigando, sem olhar para eles, muito feliz.) — Uhm...

RAPOSA — Eu e o senhor Lobo resolvemos entrar num acordo...

MACACO — Acordo? Que espécie de acordo?

RAPOSA — Nós dois concordamos que não vale a pena brigar por causa de um queijo, e achamos que nenhum de nós se importa de ficar com um pedaço menor que o do outro...

LOBO — É... eu posso perfeitamente ficar com o pedaço menor.

RAPOSA — E eu... Se ninguém se incomoda... Eu até faço questão de ficar com o pedaço menor...

MACACO — Mas, meus senhores! A minha justiça é a Justiça! Ninguém pode ficar prejudicado. (O macaco fala solenemente.)

RAPOSA — Mas eu não me incomodo de ficar prejudicada...

MACACO — Como é que a senhora não se incomoda de ficar prejudicada? Quer dizer, então, que a senhora também não se incomoda se os outros ficam prejudicados?

RAPOSA — Não, eu... Eu não quis dizer isso...

MACACO — Pois se a senhora não faz justiça para si mesma, não poderá

fazer justiça para os outros! A Justiça é a Justiça!

LOBO — Mas, seu juiz... O queijo está se acabando...

MACACO — A Justiça é a Justiça! (O macaco fala cinicamente.) Com a minha justiça não se brinca! (Lobo cai no chão.) O queijo será dividido em duas metades iguaizinhas! (Cantarola enquanto volta a sentar-se no banco.) Iguaizinhas... Iguaizinhas... Lalalalá... O rico queijinho de Minas... Laralalalá... (O Macaco continua comendo, ora de um, ora de outro, enquanto a Raposa e o Lobo acompanham desolados, até que o Macaco deixa um único pedaço.)

MACACO — Bem, temos agora este pedacinho que sobrou...

RAPOSA e LOBO — Sim senhor, sim senhor...

MACACO — E, como paga pelo meu trabalho de juiz... se os senhores não se importam, esse pedacinho fica para mim... (E come, com a cara mais satisfeita, enquanto a Raposa e o Lobo indignados e humilhados olham tristemente um para o outro.)

RAPOSA e LOBO — O macaco nos enganou...

Narrador — E, assim, a Raposa e o Lobo aprenderam que, quando surge alguma dúvida, podem resolver o caso sozinhos, pois é conversando que se entende. Nada como um bom diálogo!